

XI Colóquio sobre Questões Curriculares

VII Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares

I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro sobre Questões Curriculares

CURRÍCULO NA CONTEMPORANEIDADE: INTERNACIONALIZAÇÃO E CONTEXTOS LOCAIS

ATAS DO

XI Colóquio sobre Questões Curriculares

VII Colóquio Luso-Brasileiro de Questões Curriculares

I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro sobre Questões Curriculares

(Orgs)

Antonio Flávio Moreira

José Augusto Pacheco

José Carlos Morgado

Filipa Seabra

Carlos Ferreira

Isabel C. Viana

Maria Palmira Alves

Ana Maria Silva

Carlos Silva

Maria de Lurdes Carvalho

Geovana Lunardi Mendes

Luciela Licínio C. P. Santos



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

**CURRÍCULO NA CONTEMPORANEIDADE:
INTERNACIONALIZAÇÃO E CONTEXTOS LOCAIS**

Atas do XI Colóquio sobre Questões Curriculares
/ VII Colóquio Luso-Brasileiro de Questões Curriculares
/ I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro sobre Questões Curriculares

ORGANIZADORES

Antonio Flávio Moreira

José Augusto Pacheco

José Carlos Morgado

Filipa Seabra

Carlos Ferreira

Isabel C. Viana

Maria Palmira Alves

Ana Maria Silva

Carlos Silva

Maria de Lurdes Carvalho

Geovana Lunardi Mendes

Luciela Licínio C. P. Santos

ANO

2014

EDIÇÃO

**Centro de Investigação em Educação (CIEd)
Instituto de Educação – Universidade do Minho**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

www.fct.pt

Esta edição é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do projeto Estratégico do Centro de Investigação em Educação – PEst-OE/CED/UI1661/2014

DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA

De Facto Editores – Santo Tirso

ISBN

978-989-8525-37-6

XI Colóquio sobre Questões Curriculares
VII Colóquio Luso-Brasileiro &
I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares

CURRÍCULO NA CONTEMPORANEIDADE: INTERNACIONALIZAÇÃO E CONTEXTOS LOCAIS

A UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA EM “TRANSFORMAÇÃO”:
DESDOBRAMENTOS PARA A DISCUSSÃO CURRICULAR NO ENSINO
SUPERIOR...

Rezer, R.¹; Camilo Cunha, A.²; Rocha, D. D.³

¹ Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Brasil;

² Universidade do Minho (UMINHO), Portugal

³ Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Brasil

Email: rrezer@unochapeco.edu.br; camilo@ie.uminho.pt; deizirocha@unochapeco.edu.br

[A participação no evento contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Brasil]

Resumo

Ao longo das últimas décadas vem se cristalizando a noção de que a universidade necessita reestruturar-se a fim de atender demandas de um mundo globalizado, o que vem provocando diferentes “transformações” em seu interior. Partindo disso, o objetivo deste texto é refletir acerca dos desdobramentos de tais “transformações” para a discussão curricular no ensino superior. Concluímos que, em meio às pretensões de “transformação” da universidade contemporânea, qualificar a discussão curricular poderia se derivar em possibilidades de qualificar o próprio ensino superior. Não se trata de simples relação causa-efeito, mas sim, de pensar que uma formação qualificada passa por uma discussão curricular também qualificada, bem como, por uma recuperação do sentido de universidade como importante instituição social de democratização e análise crítica do conhecimento historicamente produzido pela humanidade.

Palavras-chave: Universidade; Transformação; Currículo.

1 Introdução

Estamos enfrentando tempos de mudança e de combate.

(NÓVOA, 2012)

O momento pelo qual passa a universidade contemporânea é extremamente complexo, conflituoso e controverso, tal como expresso na epígrafe deste texto. Neste cenário, mais do que “seguir em frente”, necessitamos compreender melhor os rumos que vamos seguindo, que “em frente” é este, bem como, ponderar sobre a necessidade de ajustar as velas e corrigir rumos em tempos (demasiadamente) apressados.

Nessa esteira, vem se cristalizando, a noção de que a universidade necessita reestruturar-se, “adequar-se aos novos tempos”, “modernizar-se” na direção de atender (com velocidade) demandas de um mundo globalizado, o que vem

XI Colóquio sobre Questões Curriculares

VII Colóquio Luso-Brasileiro &

I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares

CURRÍCULO NA CONTEMPORANEIDADE: INTERNACIONALIZAÇÃO E CONTEXTOS LOCAIS

provocando diferentes “transformações” em seu interior. É possível arriscar que, em um mundo globalizado, esta noção vem se caracterizando de forma semelhante em diferentes contextos internacionais.

Na direção de compreender melhor este complexo cenário contemporâneo, o objetivo deste texto é refletir acerca dos desdobramentos das “transformações” que a universidade contemporânea vem passando para a discussão curricular no âmbito do ensino superior.

Inicialmente, abordamos aquilo que denominamos de “pressões internas” e “pressões externas”, mecanismos que acabam por influenciar, ou mesmo, determinar, a discussão curricular no ensino superior. Neste cenário, iremos abordar o apressamento nas tomadas de decisão curriculares frente à necessidade de “transformações” pelas quais a universidade vem passando (sob aquilo que denominamos baseados em matéria do Jornal brasileiro Zero Hora, de ditadura da prensa). Finalmente, apresentamos algumas sínteses.

2 Tensões para a discussão curricular no ensino superior: entre pressões “internas” e “externas”...

Entendemos que, no âmbito da universidade, uma das possibilidades que temos de nos entender sobre os caminhos que iremos seguir é a discussão sobre currículo. Se esta assertiva faz sentido, o tempo e espaço que tal discussão vai ocupando no cotidiano da universidade representa, no mínimo, tema controverso e paradoxal.

Ao pensarmos os processos de reestruturação curricular experimentados nos últimos anos, tanto na realidade brasileira como na realidade portuguesa, podemos citar o Tratado de Bolonha, na realidade portuguesa, a Reforma Universitária e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN’s) na realidade brasileira. Em meio a isso, as instituições vão tentando dar conta destas “mudanças”, revisando seus currículos, regimentos e regulamentos internos, a fim de que tenham suporte (legal) perante este movimento. Certamente, os exemplos citados se tratam de normatizações diferentes, mas que produzem desdobramentos com algumas semelhanças, potencializando/exigindo a necessidade de reorganização curricular nas diferentes instituições de ensino superior (IES), tanto na realidade brasileira como na realidade portuguesa.

Este texto não se propõe a abordar diretamente sobre estes temas, esforço já realizado por outros trabalhos, tanto sobre o Tratado de Bolonha (LIMA, AZEVEDO e CATANI, 2008; STERDEROTH, 2013, entre outros), como sobre as DCN’s (MACEDO, 2007; REZER, 2014, entre outros). O que nos propomos realizar é uma reflexão acerca dos desdobramentos destas proposições para a discussão curricular na universidade contemporânea. Ou seja, as reformas curriculares se desdobram em um movimento que produz, em maior ou menor medida, “transformações” no cotidiano das IES. Neste caso, as reformas são realizadas na perspectiva de reestruturar os processos de formação com base em referências externas, e a discussão curricular passa a representar uma possibilidade de entendimento do coletivo (interno) frente à conjuntura contemporânea. Esta situação nos coloca em um “fogo cruzado”, tendo por um lado, “pressões externas” e, por outro, “pressões internas”, edificadas no interior das próprias IES.

Por um lado, este movimento parece potencializar a discussão curricular, considerando a necessidade de “adequação” frente a estas demandas. Por outro lado, sob a lógica da *ditadura da prensa*, discussões de caráter epistemológico, político e pedagógico parecem perder fôlego, o que vem reduzindo a discussão curricular aos planos ideológico e/ou administrativo-burocrático.

Além disso, paira no ar uma pretensão de universalização dos processos de formação. Para Nóvoa (2000), cruza, na universidade, uma globalização que, em sua análise, é pautada pela força do modelo das universidades

XI Colóquio sobre Questões Curriculares
VII Colóquio Luso-Brasileiro &
I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares

CURRÍCULO NA CONTEMPORANEIDADE: INTERNACIONALIZAÇÃO E CONTEXTOS LOCAIS

estadunidenses. Se tomarmos como exemplo a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), o modelo europeu clássico difere significativamente do modelo brasileiro, que se aproxima de forma significativa do modelo estadunidense – sobre isso, ver o Parecer Sucupira, datado de 1965, que lança as bases da pós-graduação brasileira, muito influenciada pelo modelo estadunidense. A partir do Tratado de Bolonha, também a realidade europeia se aproxima substancialmente do modelo de pós-graduação estadunidense, algo próximo do que já havia alertado Nóvoa (2000). Neste caso, uma pretensão de “universalização” da formação pode ser um desdobramento identificado no movimento apontado por este texto.

Neste processo, edifica-se um movimento de uniformização também linguístico. Nóvoa (2000) se refere a um artigo escrito por Hans Weiler, que faz dura crítica às novas palavras da “nova língua”, que invade o espaço universitário: indicadores, prestação de contas, sistemas de acreditação, medidas, performances, padrões, normas, etc. Para Weiler, estas linguagens não são inocentes, pois estariam construindo, e não apenas descrevendo, a nova realidade universitária. De nossa parte, entendemos que tal linguagem acaba por influenciar sobremaneira a discussão curricular, ganhando força a partir das referidas pretensões de universalidade.

Em meio a estes movimentos de universalização, solidificam-se movimentos de classificação e hierarquização. Especialmente na realidade brasileira, este modelo de ranqueamento acadêmico coloca as IES públicas estatais, financiadas pelo estado, as IES públicas comunitárias ou confessionais e as IES privadas em uma “corrida de qualidade”. Nesta realidade, é comum a veiculação de comerciais nas mídias, ressaltando a nota dos cursos de uma universidade no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). Certamente, se as notas forem “boas” – caso não sejam, a desqualificação dos procedimentos de avaliação e dos avaliadores é “saída” corriqueira.

Na esteira destas “pressões externas”, os conselhos profissionais também vão incrementando suas investidas na direção de pressionar as reformas de acordo com seus interesses. Ao longo do tempo, vem ampliando sua influência na configuração dos cursos (currículo) e da universidade. Na realidade portuguesa, Nóvoa (2000) já se referia a isso, alertando para os riscos de submissão a este movimento, que procura intervir dos rumos de diferentes cursos. Na realidade brasileira este movimento não é diferente. Alinhados a Nóvoa, discordamos em absoluto de um ensino superior controlado ou mesmo influenciados por organizações como os conselhos, na mesma medida em que também discordamos de um ensino superior orientado exclusivamente pela lógica do mercado.

Sob esta lógica, uma preocupação de cunho econômico adquire centralidade nos processos de discussão curricular, o que constrange significativamente os planos político, pedagógico e epistemológico. Assim, sob um “verniz pedagógico”, as reestruturações se colocam na direção de melhorar a relação custo-benefício. Alertamos que, ao constranger outras dimensões curriculares em nome de aspectos econômicos, corremos o risco de fraquejar, tanto no plano econômico, quanto nos demais.

Aliado a estes condicionantes, a discussão curricular se edifica em meio a diferentes interesses dos sujeitos e grupos que constituem o “interior” de cada universidade. Sem dúvida, a diversidade e a pluralidade são saudáveis para uma instituição que se pretenda democrática. Porém, a dificuldade de diálogo vai se consolidando como um dos grandes problemas contemporâneos do ensino superior (talvez, de maneira geral, do mundo contemporâneo). Se interesses externos produzem pressões significativas, interesses internos produzem outras pressões que vão contraindo e, muitas vezes, restringendo, possibilidades democráticas na universidade.

A recuperação da retórica, literalmente como a arte do diálogo, do bem falar, e da alteridade, parecem representar “saídas” para as dificuldades comunicativas entre diferentes posições ideológicas edificadas ao longo do tempo nas instituições. Se a origem do termo currículo (do Latim, *currere*) significa “correr”, entendermo-nos para onde “correr” se trata de questão nevrálgica para uma trajetória institucional minimamente amparada por projetos coletivos

XI Colóquio sobre Questões Curriculares

VII Colóquio Luso-Brasileiro &

I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares

CURRÍCULO NA CONTEMPORANEIDADE: INTERNACIONALIZAÇÃO E CONTEXTOS LOCAIS

derivados de mínimos acordos, reconhecendo a importância de pensar a universidade como uma instituição republicana (*res publica*, ou seja, o sentido de coisa pública como princípio institucional).

Para tal, a universidade representa local e tempo de discussão radicalizada da cultura produzida pela humanidade, bem como, para pensar perspectivas de futuro para o mundo no qual vivemos (e isso inclui a própria universidade). Assim, a radicalidade do enfrentamento à pergunta “para onde vamos” se edifica como mais importante do que a própria resposta, na medida em que ela vai amadurecendo de acordo com nosso próprio movimento e a produção de proposições curriculares.

Sobre isso, pensar currículo como possibilidade de intensificar um conjunto de discussões coletivas, considerando a universidade como coisa pública, representa um pano de fundo que possibilita organicidade aos processos de “transformação”. Caso contrário, é possível pensar que há aqueles que “pensam” o currículo e aqueles que “aplicam” tais diretrizes na “prática”.

Para Veiga-Neto (2005), estamos em um modo de vida pautado pelo imperativo da aceleração (sob a lógica do “mais com menos”). Assim, o apressamento nas tomadas de decisão, a dificuldade de alinhar espaços de discussão mais alongados e densos, bem como, o atarefamento docente, vão confluindo em uma apatia nos processos de discussão e decisão curricular, tal como se, enfrentar a discussão curricular fosse resolvido exclusivamente no plano administrativo. Em boa medida, esta apatia se dá em nome de um ativismo, de um atarefamento docente e/ou de um descompromisso com o bem comum. Isso vem gerando um atrofamento da capacidade intelectual, do movimento do pensamento como pressuposto para o trabalho docente - assim, mais reagimos do que pensamos.

Como consequência, vem se configurando um esvaziamento da discussão curricular em nome da velocidade das transformações, disputas de poder e de um utilitarismo rasteiro. Se as reestruturações do ensino superior são necessárias, só há sentido em levá-las adiante se representarem projetos coletivos derivados de mínimos acordos, tendo como referência a noção de universidade como instituição autônoma e democrática.

Obstante, tais processos vêm sendo estabelecidos de forma apressada, sem o devido tempo para reflexão, o que vem gerando diversas simplificações em detrimento de discussões mais qualificadas sobre currículo. Sob a lógica do “mais por menos”, concordando com Nóvoa (2012), a tendência é uma intensificação ainda maior do trabalho docente, o que vai exigir dos professores cada vez mais tarefas, tornando muito difícil o dia a dia da profissão universitária. Nessa direção, novas gerações de professores vêm ingressando na carreira e, em certa medida, contribuindo para naturalizar esta condição. Como já dito, expressões como empreendedorismo, gestão, liderança, adaptabilidade, vão ganhando destaque no vocabulário do ensino superior, bem como, nas proposições curriculares. O problema é que, concordando com Nóvoa, estas não são características primárias, mas sim, possibilidades decorrentes da capacidade de pensar, de argumentar e de conhecer o mundo. Tais expressões vão adquirindo uma importância que, via de regra, oblitera nossa capacidade de pensar e promove uma confusão entre concepção de universidade e concepção de empresa.

Concordando com Stederoth (2013, p. 13), quanto mais a universidade se aproxima estruturalmente da condição de uma empresa, mais seus membros assumirão progressivamente uma consciência empresarial, se abstendo da reflexão acerca de tal estrutura. Certamente, este movimento se implementa de modo oculto, diminuindo o espaço para a reflexão, num processo aparentemente contínuo.

Portanto, estas reflexões procuram apresentar uma caracterização dos condicionantes que se colocam como pano de fundo das possibilidades de pensar (ou não) a discussão curricular no ensino superior. Mais do que um denunciamento vazio, apresentamos um conjunto de provocações a fim de manter em movimento o pensamento sobre questões que não são simples e requerem maior atenção de diferentes comunidades acadêmicas.

XI Colóquio sobre Questões Curriculares
VII Colóquio Luso-Brasileiro &
I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares

CURRÍCULO NA CONTEMPORANEIDADE: INTERNACIONALIZAÇÃO E CONTEXTOS LOCAIS

Do contrário, sob a lógica do *Time is Money* (frase de Benjamin Franklin, expressa em carta escrita em 1948), a discussão curricular se reduz a um protocolo burocrático realizado as pressas, sem a devida profundidade, em muitos casos, prometendo algo que não pode cumprir (a já gasta expressão “formação crítica” pode representar um bom exemplo). Desta forma, reformas curriculares realizadas as pressas, com participação precária da comunidade acadêmica, em meio a fóruns com pequena participação, conduzem a um apressamento ideologizado nas tomadas de decisão. Neste cenário, a diminuição de custos passa a representar o balizador central, que se desdobra na elevação das exigências de produção e de controle, bem como, na intensificação do trabalho docente.

Como desdobramento disso, o “enxugamento” da formação nos planos epistemológico, político e pedagógico se manifesta como uma característica da universidade contemporânea – “não há tempo a perder” e reflexões mais densas que não leve a decisões objetivas são denominadas de estereis, mesmo que componham um movimento que pode qualificar a compreensão e as decisões frente a fenômenos que não são simples, muito pelo contrário. O risco que corremos com isso, sem idealizar gerações anteriores, é o de fomentar o surgimento de uma geração tecnocrata de professores na educação superior, que acabe por prescindir de nossa capacidade crítica e reflexiva em nome de uma velocidade incompatível com nossa condição humana. A simplificação da discussão curricular no ensino superior parece ser uma consequência direta deste movimento.

3. Conclusão

Em meio aos argumentos e provocações apresentadas ao longo do texto, a universidade vai se movimentando, indo da condição de uma instituição republicana à condição de uma organização social (muito próxima de uma empresa). Certamente, os desafios da universidade do Século XXI são por demais complexos. Porém, não podemos abrir mão da universidade como *locus* de fomento a nossa capacidade de pensar, de argumentar e de conhecer e intervir no mundo, complexas possibilidades humanas que não se adquire sem muito labor, esforço e tempo.

Neste cenário, qualificar a discussão curricular poderia se derivar em possibilidades de qualificar o próprio ensino superior. Não se trata de simples relação causa-efeito, mas sim, de pensar que uma formação qualificada passa por uma discussão curricular também qualificada, bem como, por uma recuperação do sentido de universidade como importante instituição republicana de democratização e análise crítica do conhecimento historicamente produzido pela humanidade.

Nessa esteira, propomos pensar o currículo como uma possibilidade de fomentar a edificação de perspectivas ampliadas de mundo, que não se esgota “em si”. Para uma formação ao longo da vida são necessárias bases sólidas, tanto científicas como culturais, o que não pode deixar de ser princípio fundante para a universidade destes novos tempos. Neste aspecto, a discussão ampliada sobre currículo pode permitir construir elementos que permitam sustentar uma formação ampliada, técnica, pessoal, intelectual, corporal, artística, estética, enfim, uma formação complexa para a vida, mais de acordo com a complexidade do mundo.

XI Colóquio sobre Questões Curriculares
VII Colóquio Luso-Brasileiro &
I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares

CURRÍCULO NA CONTEMPORANEIDADE: INTERNACIONALIZAÇÃO E CONTEXTOS LOCAIS

Finalizando, entendemos que se faz necessário investir esforços mais robustos sobre os desdobramentos que pressões “internas” e “externas” produzem na definição dos rumos curriculares da universidade contemporânea (historicamente, a universidade pouco se investigou). Certamente, este movimento exige *par i passu*, a ampliação dos espaços políticos de debate e discussão sobre universidade e currículo, bem como, a criação de fóruns permanentes específicos (inclusive, redes) de discussão, que visem combater a intensificação e atarefamento burocratizado do trabalho docente. Do contrário, parafraseando Santos (2008), em curto prazo, a universidade como instituição republicana, só terá curto prazo.

Referências

- Lima, L. C. & Azevedo, M. L. N. & Catani, A. M. (2008). *O processo de Bolonha, a avaliação da educação superior e algumas considerações sobre a Universidade Nova*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772008000100002&script=sci_arttext. Acessado em 05 de maio de 2014.
- Macedo, E. (2007). *Formação de professores e diretrizes curriculares nacionais: para onde caminha a educação?* Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/29/31>. Acessado em 21 de abril de 2014.
- Nóvoa, A. (2000). Universidade e formação docente. *Revista Interface*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832000000200013&lng=pt&nrm=iso&tng=pt. Acessado em 05 de maio de 2014.
- Nóvoa, A. (2012). *Entrevista concedida a Lucíola Licínio de C. P. Santos*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n119/a16v33n119.pdf>. Acessado em 25 de maio de 2014.
- Rezer, R. (2014). *Educação Física na Educação superior: trabalho docente, epistemologia e hermenêutica*. Coleção Sul. ABEU Sul. Chapecó: Argos, 2014.
- Santos, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- Stederoth, D. (2013). A ideia da formação (universitária) e sua deformação econômica: um cântico final. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 20, n. 1, Passo Fundo, p. 175-188, jan./jun.
- Veiga-Neto, A. (2005). *Educação e pós-modernidade: impasses e perspectivas*. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br>. Acessado em 16/05/2014.

